

ANALGESIA NO TRABALHO DE PARTO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Maria Paula de Lima Dumont¹

Anna Clara Silveira Sales e Silva²

Gabriela Chaves Mendes Justino³

mariapauladumont@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da saúde.

RESUMO

A analgesia no trabalho de parto visa reduzir a dor e amenizar o sofrimento da mãe. Além de identificar os fatores que influenciam a decisão da mulher de utilizar a analgesia, a revisão literária a seguir vai identificar a satisfação do procedimento para as mulheres que o utilizaram, diminuindo sua dor e aumentando a segurança em relação ao trabalho de parto. Contudo, é importante ressaltar a importância do papel da mulher na evolução da utilização da analgesia no trabalho de parto. Muitas crenças e posições religiosas eram contrárias a essa técnica, porém, com a evolução da medicina e o posicionamento feminino, esse cenário se flexibilizou e se mostrou um método eficaz de incentivo para que as mulheres consigam levar seu trabalho de parto até o final, a fim de ter um parto vaginal. O estudo se trata de uma revisão literária de natureza pura e abordagem qualitativa descritiva, com referenciais retirados de pesquisas nos bancos de dados do Lilacs, Google Acadêmico e SciElo, por meio dos seguintes descritores: analgesia no parto, parto, analgesia, trabalho de parto latente, cesárea, combinadas pelo operador “and”. Desta forma, a opinião das mulheres que passaram por tal experiências devem ser levadas em conta e analisadas de modo a evoluir e analisar os avanços e recuos dessa técnica.

PALAVRAS CHAVES: analgesia, parto, trabalho de parto latente, analgesia sistêmica, analgesia inalatória.

INTRODUÇÃO:

¹ Acadêmica do 4º Período do Curso de Medicina, Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó-MG

² Acadêmica do 4º Período do Curso de Medicina, Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó-MG

³ Graduada em Medicina - Centro Universitário de Caratinga. Especialista em Ginecologia e Obstetrícia. Professora do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX, Matipó-MG.

O parto é uma experiência única e transformadora na vida de cada mulher, porém, como é de conhecimento geral, as dores vivenciadas pelas parturientes são descritas muitas vezes como as mais intensas vivenciadas na vida inteira (Pereira, 2014).

As dores relatadas no primeiro estágio do trabalho de parto originam-se no colo e segmentos uterinos inferiores, nas áreas de T11 e T12. Já no segundo estágio as dores são intensificadas pela pressão exercida com a descida da cabeça do feto, cansando a distensão da vagina, pelve e períneo (Pereira, 2014).

Para aliviar as dores do parto, manobras são realizadas diariamente nas maternidades de todo o mundo. Dentre opções farmacológicas ou não, as técnicas de analgesia disponíveis atualmente para o trabalho de parto são técnicas loco-regionais (bloqueia a transdução, transmissão e modulação da dor na medula espinhal), analgesia inalatória (óxido nitroso e oxigênio), e a analgesia sistêmica (Pereira, 2014).

Dentre os objetivos desse estudo estão: constatar a eficácia desses métodos através de experiências de parturientes, avaliar os efeitos da analgesia no decorrer do trabalho de parto, e constatar a evolução de tais técnicas ao longo do tempo.

METODOLOGIA

O método utilizado para realização deste estudo é classificado como revisão literária, uma vez que contém uma síntese de estudos significativos da área estudada, bem como a aplicabilidade de resultados na prática (De Souza et al., 2010).

Para realizar o estudo do tema “Analgesia no trabalho de parto” foi realizado um levantamento bibliográfico, a fim de reunir os mais importantes materiais disponíveis, para que os resultados fossem os mais precisos e objetivos. Acessando as plataformas Google Acadêmico, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Scientific Electronic Library Online (SciELO), e a BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), por meio dos descritores: “analgesia”, “parto”, “trabalho de parto latente”, “analgesia sistêmica”, “analgesia inalatória”, combinados por meio do operador booleano “and”, como norteadores para a pesquisa aprofundada sobre esse assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O parto normal foi classificado pela maioria das mulheres entrevistadas por um estudo realizado pelo Hospital Público do município de Franca, em 2012, como uma experiência marcada por dor e sofrimento. Essa dor foi caracterizada como “insuportável”, “inexplicável”, “horrível” e “anormal” pelas parturientes (Pinheiro e Bittar, 2012).

Diante dessa situação, torna-se clara a ajuda proveniente de técnicas de analgesia que podem ser aplicadas durante esse processo. Porém, em resultados atingidos por uma pesquisa realizada em uma maternidade pública no interior do Rio Grande do Norte, em 2021, apenas 22% das mulheres entrevistadas no processo sabiam da possibilidade da analgesia no parto vaginal. Além disso, cerca de 78% dessas mulheres tiveram um parto normal. Esse resultado foi associado ao nível de escolaridade, renda e trabalho remunerado, e quando comparadas às taxas de países desenvolvidos, foi considerada consideravelmente baixa (Ramalho e Muñoz, 2021).

Além da desinformação, a analgesia em partos normais nos hospitais públicos no Brasil, enfrenta outro problema: normalmente esse alívio não é oferecido

às parturientes, mesmo sendo pago pelo SUS. Isso ocorre uma vez que a demanda é alta e dificulta a realização do procedimento, e o valor pago ao anestesiológico é relativamente baixo (Leite, 2006).

Já em um estudo realizado na cidade de Goiânia, a taxa de parturientes que receberam a analgesia peridural para a realização do parto normal foi de 7,7% pelo SUS. A Organização Mundial da Saúde incentiva essa prática como um meio de evitar a cesárea, uma vez comprovado que o medo de sentir a dor do parto é um fator determinante para que a mulher opte pela cirurgia. Dessa maneira, o Sistema Único de Saúde adotou essa prática, e fornece a analgesia, porém, como observado, a taxa com que ela realmente ocorre é muito baixa, evidenciando uma negligência ao lidar com a dor da mulher (Giglio et al., 2011).

Segundo o autor Dr. José Antonio Bismark, a evolução das técnicas de analgesia na obstetrícia se faz presente, e no século XXI, é altamente adequada à realidade das parturientes, uma vez que não se deve ignorar a dor que vem sendo repetidamente classificada como “insuportável”. O procedimento deve ser realizado assim que a mulher, devidamente informada, solicita a intervenção.

Além de ser o método mais seguro, a analgesia peridural também se caracteriza como a mais eficaz nesse cenário. É fundamental que os profissionais sejam treinados com essa informação, a fim de reduzir tal banalização da dor da parturiente. Ademais, a disponibilização de tal recurso também se faz essencial, para o bem estar da mãe, e conseqüentemente do filho (Bismark, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma análise aprofundada dos materiais disponíveis nas plataformas anteriormente citadas, é possível concluir que uma atenção considerável deve ser destinada a esse assunto. A analgesia no trabalho de parto é comprovadamente um método eficaz no que se diz respeito a evitar a cesárea. Promovendo alívio quase

imediatamente da dor, a analgesia é fundamental para que a mulher consiga prosseguir com o parto vaginal, sem o sofrimento exacerbado.

Além disso, se faz importante a não banalização da dor do parto, uma vez que já foi classificada diversas vezes como intolerável. A partir desse estudo foi possível observar a evolução da medicina no que se diz respeito às técnicas analgésicas, portanto, pode ser um importante fator de contribuição para uma experiência mais confortável e segura para mãe e filho.

Por fim, é importante citar a importância da informação. Anteriormente foi citado que menos de um quarto de mulheres em um grupo de pesquisa não estava ciente da possibilidade de solicitar a analgesia durante o processo, isso faz com que as taxas sejam baixas, quase insignificantes no que diz respeito à utilização de tal recurso.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Luciano. Primórdios da analgesia de parto: a força das mulheres. **Scientia Medica**, v. 24, n. 4, p. 420-424, 2014.

DE FREITAS, Juliana Faria; MEINBERG, Sofia. Analgesia de parto: bloqueios locorreionais e analgesia sistêmica. **Rev Med Minas Gerais**, v. 19, n. 3 Supl 1, p. S7-S14, 2009.

PINHEIRO, Bruna Cardoso; BITTAR, Cléria Maria Lobo. Percepções, expectativas e conhecimentos sobre o parto normal: relatos de experiência de parturientes e dos profissionais de saúde. **Aletheia**, n. 37, p. 212-227, 2012.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

RAMALHO, Rachelde Alcântara Oliveira; MUÑOZ, Rilva Lopes Sousa. Conhecimento de puérperas sobre analgesia do parto normal em maternidade pública no interior do Rio Grande do Norte, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, p. e37010918010-e37010918010, 2021.

GIGLIO, Margareth Rocha Peixoto; FRANÇA, Elisabeth; LAMOUNIER, Joel Alves. Avaliação da qualidade da assistência ao parto normal. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 33, p. 297-304, 2011.

BISMARCK, José António et al. Analgesia em obstetrícia. **Lisboa: Permanyer Portugal**, 2002.